



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Atuação da enfermagem na identificação, acolhimento e enfrentamento da violência de crianças e adolescentes

The Role of Nursing in the Identification, Reception, and Management of Violence Against Children and Adolescents

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3483

ARK: 57118/JRG.v9i20.3483

Recebido: 05/06/2026 | Aceito: 08/06/2026 | Publicado *on-line*: 10/06/2026

Aisha Amanda Ferreira Mimura¹

<https://orcid.org/0009-0004-9290-3940>

<http://lattes.cnpq.br/0535508650143791>

Faculdade Evangélica de Valparaíso, GO, Brasil

E-mail: aishaamandax@gmail.com

Ketlen Kauany Barbosa Gomes²

<https://orcid.org/0009-0003-6616-979X>

<http://lattes.cnpq.br/4859749081341010>

Faculdade Evangélica de Valparaíso, GO, Brasil

E-mail: ketlenkauany@gmail.com

Mírian Daniela Matos Campos Andrade³

<https://orcid.org/0009-0005-5816-8230>

<http://lattes.cnpq.br/7412283854705523>

Faculdade Evangélica de Valparaíso, GO, Brasil

E-mail: miriandanielabsb@gmail.com

Sara Albuquerque de Mesquita⁴

<https://orcid.org/0009-0002-1792-1909>

<http://lattes.cnpq.br/1040192535267333>

Faculdade Evangélica de Valparaíso, GO, Brasil

E-mail: @gmail.com



Resumo

A violência contra crianças e adolescentes representa um grave problema de saúde pública, com impactos físicos, psicológicos e sociais significativos. Nesse contexto, a enfermagem desempenha papel fundamental na identificação, acolhimento e enfrentamento dessas situações nos serviços de saúde. O estudo teve como objetivo analisar a atuação do enfermeiro diante da violência infantojuvenil, destacando os desafios relacionados ao reconhecimento dos sinais de violência, ao acolhimento das vítimas e à condução adequada dos casos. Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva, realizada a partir de artigos publicados entre 2016 e 2026 nas bases SciELO, BVS, LILACS e CAPES. Os resultados evidenciaram que os enfermeiros possuem posição estratégica para identificar sinais físicos e comportamentais de violência, especialmente na Atenção Primária à Saúde. Entretanto, dificuldades como

¹ Graduando(a) em Enfermagem pela Faculdade Evangélica de Valparaíso.

² Graduando(a) em Enfermagem pela Faculdade Evangélica de Valparaíso.

³ Graduando(a) em Enfermagem pela Faculdade Evangélica de Valparaíso.

⁴ Professor(a) do Curso de Enfermagem da Faculdade Evangélica de Valparaíso.



insuficiente capacitação profissional, insegurança na notificação compulsória, ausência de protocolos e fragilidade da rede de proteção comprometem a assistência. O acolhimento humanizado, baseado na escuta qualificada e na construção de vínculo, mostrou-se essencial para a proteção das vítimas e continuidade do cuidado. Conclui-se que a qualificação profissional, o fortalecimento das ações intersetoriais e a implementação de protocolos são fundamentais para melhorar a atuação da enfermagem no enfrentamento da violência infantojuvenil.

Palavras-chave: Enfermagem. Violência infantil. Violência contra adolescentes. Acolhimento. Notificação compulsória. Saúde pública.

Abstract:

Violence against children and adolescents is a serious public health issue, causing significant physical, psychological, and social impacts. In this context, nursing plays a fundamental role in identifying, welcoming, and confronting these situations within healthcare services. This study aimed to analyze nurses' performance in dealing with child and adolescent violence, highlighting challenges related to recognizing signs of abuse, providing appropriate care, and managing cases effectively. This is a qualitative and descriptive literature review based on articles published between 2016 and 2026 in the SciELO, VHL, LILACS, and CAPES databases. The findings revealed that nurses occupy a strategic position in identifying physical and behavioral signs of violence, especially in Primary Health Care settings. However, challenges such as insufficient professional training, insecurity regarding mandatory reporting, lack of protocols, and weaknesses in the protection network negatively affect healthcare assistance. Humanized care, based on qualified listening and the establishment of trust, proved essential for victim protection and continuity of care. It is concluded that professional qualification, strengthening intersectoral actions, and implementing healthcare protocols are essential to improve nursing performance in confronting child and adolescent violence.

Keywords: Nursing. Child violence. Adolescent violence. Reception. Mandatory reporting. Public health.

1. INTRODUÇÃO

A violência contra crianças e adolescentes representa um importante problema de saúde pública, apresentando impactos no desenvolvimento físico, emocional e social das vítimas. Trata-se de um fenômeno complexo, determinado por múltiplos fatores, incluindo aspectos sociais, econômicos, culturais e familiares, o que demanda uma atuação integrada nos serviços de saúde (Mariano, 2026). Nesse contexto, a enfermagem destaca-se como uma das principais áreas envolvidas no cuidado, considerando sua atuação direta junto à população em diferentes níveis de atenção, favorecendo a identificação de situações de risco e a adoção de medidas de intervenção (Mariano, 2026).

No entanto, a identificação da violência infantojuvenil ainda representa um desafio na prática assistencial, já que os sinais nem sempre são claros e podem se manifestar de forma física, psicológica ou comportamental. Essa dificuldade é agravada por fatores como a insuficiente capacitação profissional, a insegurança na condução dos casos e o desconhecimento dos fluxos de atendimento, podendo prejudicar o reconhecimento precoce das situações de violência. Além disso, o acolhimento de crianças e adolescentes nos serviços de saúde exige uma abordagem sensível e humanizada, baseada na escuta



qualificada, no respeito e na construção de vínculo, aspectos fundamentais para a identificação da violência e para a continuidade do cuidado (Costa, 2024).

Entretanto, observa-se que o acolhimento ainda ocorre de forma fragilizada em muitos serviços, dificultando a revelação das situações vivenciadas pelas vítimas e prejudicando a efetividade das intervenções. No que se refere ao enfrentamento, destacam-se ações como a notificação compulsória, o encaminhamento para a rede de proteção e o acompanhamento dos casos, as quais demandam preparo técnico, conhecimento das normativas e articulação entre os setores envolvidos. Contudo, aspectos como o medo de envolvimento legal, a ausência de suporte institucional e as limitações na formação profissional ainda interferem na atuação dos enfermeiros nesse processo (Freire *et al.*, 2024).

Diante desse cenário, busca-se responder ao seguinte problema de pesquisa: quais são os desafios enfrentados pela enfermagem na identificação, acolhimento e enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes nos serviços de saúde? Assim, o estudo tem como objetivo analisar a atuação da enfermagem nesse contexto, identificando como ocorre o reconhecimento dos sinais de violência, descrevendo a importância do acolhimento na assistência às vítimas, analisando as formas de enfrentamento adotadas pelos profissionais e apontando os principais fatores que interferem na prática assistencial.

A realização deste estudo mostra-se relevante diante das dificuldades ainda presentes na atuação dos profissionais de enfermagem frente à violência infantojuvenil, especialmente no que se refere à identificação dos casos, ao acolhimento das vítimas e à condução adequada das situações. A persistência de fragilidades na prática assistencial pode comprometer a qualidade do cuidado e dificultar a efetivação das medidas de proteção. Nesse sentido, a discussão sobre a temática auxilia na identificação da necessidade de qualificação profissional, organização dos serviços e fortalecimento das ações de cuidado, com vistas à melhoria da assistência prestada a crianças e adolescentes em situação de violência.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, que tem como objetivo analisar a produção científica relacionada à atuação da enfermagem na identificação, acolhimento e enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes nos serviços de saúde. A busca dos estudos foi realizada em bases de dados eletrônicas, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Portal de Periódicos da CAPES.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos disponíveis na íntegra, publicados em língua portuguesa, no período de 2016 a 2026, que abordassem a temática proposta. Foram excluídos estudos duplicados, artigos que não apresentassem relação direta com o tema e publicações fora do recorte temporal estabelecido. Para a seleção dos artigos, foram utilizados os descritores: “enfermagem”, “violência infantil”, “violência contra adolescentes”, “acolhimento”, “notificação compulsória” e “saúde pública”.

3. DESENVOLVIMENTO

Após a seleção e análise dos estudos incluídos na pesquisa, os dados foram organizados em eixos temáticos, com o objetivo de estruturar e facilitar a compreensão dos principais aspectos relacionados à atuação da enfermagem frente à violência infantojuvenil. O primeiro eixo aborda a identificação dos sinais de violência na prática de



enfermagem, destacando os indícios clínicos e comportamentais observados no cotidiano assistencial. O segundo eixo trata do acolhimento de crianças e adolescentes em situação de violência nos serviços de saúde, destacando a importância da escuta qualificada e de um atendimento humanizado. O terceiro eixo discute a atuação da enfermagem no enfrentamento e na notificação dos casos, mostrando o papel do profissional na interrupção do ciclo de violência e na articulação com a rede de proteção. E o quarto eixo descreve os desafios e as estratégias na atuação do enfermeiro, abordando as dificuldades encontradas na prática e as possibilidades de qualificação do cuidado prestado.

3.1 Identificação dos sinais de violência contra crianças e adolescentes na prática de enfermagem

A violência contra crianças e adolescentes configura-se como uma grave violação de direitos, sendo compreendida como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, capaz de causar danos físicos, psicológicos ou prejuízos ao desenvolvimento. No contexto infantil, essa definição amplia-se ao incluir situações de negligência e omissão, frequentemente praticadas por familiares ou responsáveis (Dias *et al.*, 2024).

A violência contra crianças e adolescentes pode ocorrer de diferentes formas, como agressões físicas, abuso emocional, negligência e violência sexual, e muitas vezes não chega ao conhecimento dos serviços de saúde ou das autoridades. Isso acontece porque, em muitos casos, as vítimas não denunciam por medo, vergonha ou dependência do agressor. Além disso, uma parte dessas situações acontece dentro da própria família, dificultando ainda mais a identificação, já que o ambiente que deveria oferecer proteção acaba sendo o local onde a violência ocorre (Ferreira *et al.*, 2025).

Nesse sentido, a atuação da enfermagem torna-se essencial, especialmente na Atenção Primária à Saúde, por sua proximidade com as famílias e com a comunidade. O enfermeiro, ao realizar consultas, visitas domiciliares e acompanhamentos de rotina, encontra-se em posição privilegiada para observar sinais que podem indicar situações de violência. Entretanto, esses sinais nem sempre são evidentes, podendo se apresentar de forma sutil, como mudanças comportamentais, retraimento, medo excessivo ou lesões incompatíveis com a história relatada (Nunes *et al.*, 2020).

Diante disso, a identificação da violência exige do profissional sensibilidade, escuta atenta e olhar crítico sobre o contexto em que a criança ou adolescente está inserido. Muitas vezes, a situação não é verbalizada pela vítima ou pelos responsáveis, sendo necessário que o enfermeiro utilize estratégias como a escuta qualificada e o exame físico detalhado para levantar suspeitas. A observação do comportamento da criança, bem como da dinâmica familiar durante o atendimento, pode fornecer indícios importantes para o reconhecimento dessas situações (Antunes, 2025).

Além disso, o contexto familiar exerce influência direta na ocorrência e na identificação da violência, já que fatores como uso de substâncias, conflitos familiares, sobrecarga emocional e condições socioeconômicas desfavoráveis podem potencializar situações de risco. Nesses casos, a abordagem do enfermeiro deve ir além do indivíduo, considerando a família como um todo, a fim de compreender a realidade vivenciada e intervir de forma mais eficaz (Rocha, 2025).

Contudo, apesar da importância desse papel, ainda existem dificuldades na prática assistencial relacionadas à identificação precoce dos casos. A proximidade com a família, embora seja um fator facilitador, também pode representar um desafio, especialmente quando há resistência ou negação por parte dos responsáveis. Assim, evidencia-se a necessidade de preparo técnico e sensibilidade profissional para lidar com situações



complexas, garantindo uma atuação ética e comprometida com a proteção da criança e do adolescente (Antunes, 2025).

3.2 Acolhimento de crianças e adolescentes em situação de violência nos serviços de saúde

O acolhimento de crianças e adolescentes em situação de violência trata-se de uma etapa fundamental no cuidado em saúde, pois representa, muitas vezes, o primeiro contato da vítima com um espaço de escuta e proteção. Nesse contexto, o atendimento deve ser realizado de forma humanizada, considerando os aspectos físicos e as dimensões emocionais e sociais envolvidas. Dessa maneira, o acolhimento se configura como um momento estratégico para identificação de demandas e início de intervenções adequadas (Rocha, 2025).

Além disso, a violência, especialmente a de natureza sexual, está associada a diversas consequências para a saúde das vítimas, podendo se manifestar por meio de lesões físicas, infecções e alterações no desenvolvimento. Essas repercussões destacam a importância de um acolhimento cuidadoso, que permita reconhecer sinais muitas vezes não verbalizados. Assim, o profissional de enfermagem deve estar atento às múltiplas formas de expressão do sofrimento, que podem ir além dos sintomas visíveis (Reis *et al.*, 2024).

É importante destacar que os impactos da violência não se limitam ao campo físico, sendo frequentes os prejuízos de ordem psicológica e emocional. Condições como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e dificuldades nas relações interpessoais são recorrentes entre vítimas de violência. Nesse sentido, o acolhimento deve considerar essas manifestações, proporcionando um ambiente seguro que favoreça a expressão de sentimentos e a construção de vínculo com o profissional de saúde (Santiago, 2025).

Nesse contexto, destaca-se a importância da escuta qualificada como instrumento central no acolhimento. Muitas vezes, crianças e adolescentes não conseguem relatar diretamente a situação vivenciada, seja por medo, vergonha ou influência do ambiente familiar. Dessa forma, cabe ao profissional desenvolver uma escuta sensível, capaz de perceber sinais indiretos e compreender o contexto em que a vítima está inserida, contribuindo para uma abordagem mais efetiva (Mariano, 2026).

Além disso, é fundamental compreender que a violência ocorre, na maioria das vezes, em ambientes próximos à vítima, especialmente no contexto familiar. Essa realidade torna o acolhimento ainda mais delicado, uma vez que envolve relações de confiança e dependência. Assim, o profissional deve adotar uma postura ética e cuidadosa, evitando julgamentos e buscando garantir a proteção da criança ou adolescente durante todo o atendimento (Rocha, 2025).

Por outro lado, a complexidade da violência exige que o acolhimento seja pautado em uma visão geral do cuidado, considerando fatores individuais, familiares e sociais. Situações de vulnerabilidade, como pobreza, uso de substâncias e conflitos familiares, podem estar associadas à ocorrência da violência. Dessa forma, o atendimento deve ir além da queixa imediata, buscando compreender a realidade vivenciada e direcionar intervenções mais abrangentes (Santiago, 2025).

Entretanto, observa-se que a organização dos serviços de saúde ainda apresenta fragilidades no que se refere ao acolhimento dessas vítimas. A ausência de fluxos bem definidos, a limitação de serviços especializados e a dificuldade de articulação entre setores podem comprometer a qualidade da assistência. Como consequência, muitas vítimas não recebem o acompanhamento necessário, o que pode agravar os danos já existentes (Mariano, 2026).



Nesse sentido, a existência de uma rede de atenção estruturada é essencial para garantir a continuidade do cuidado. Serviços de referência e centros especializados desempenham papel importante ao oferecer atendimento multidisciplinar e integrado, envolvendo diferentes áreas do conhecimento (Antunes, 2025).

Ademais, a integração entre saúde, assistência social, educação e sistema de justiça é fundamental para o enfrentamento da violência. O acolhimento, nesse contexto, deve ser compreendido como parte de um processo contínuo, que inclui encaminhamentos, acompanhamento e proteção (Rocha, 2025).

3.3 Atuação da enfermagem no enfrentamento e na notificação dos casos de violência

A atuação da enfermagem no enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes envolve um conjunto de ações que vão além do cuidado imediato, incluindo a notificação, o encaminhamento e o acompanhamento dos casos. Nesse contexto, o profissional identifica a situação e assume um papel ativo na proteção da vítima, contribuindo para a interrupção do ciclo de violência. Dessa forma, o enfrentamento exige responsabilidade técnica, ética e compromisso com a garantia de direitos (Alecrim, 2024).

Nesse sentido, a notificação compulsória configura-se como uma das principais ferramentas no enfrentamento da violência, sendo fundamental para a visibilidade do problema e para o planejamento de ações em saúde pública. Por meio desse registro, é possível produzir dados que contribuem para políticas públicas e estratégias de prevenção. No entanto, apesar de sua importância, ainda são observadas falhas no preenchimento das notificações, comprometendo a qualidade das informações e dificulta intervenções mais eficazes (Marcolino, 2019).

Além disso, muitos profissionais apresentam resistência ou insegurança no momento de realizar a notificação, seja por medo de represálias, desconhecimento dos fluxos ou dúvidas quanto à confirmação do caso. Essa realidade mostra a necessidade de maior preparo técnico e institucional, uma vez que a omissão ou o registro inadequado pode contribuir para a continuidade da violência. Assim, o enfermeiro deve compreender a notificação não como uma opção, mas como parte essencial do cuidado (Mariano, 2026).

Outro aspecto relevante refere-se à utilização de protocolos assistenciais, que orientam a conduta dos profissionais diante de situações de violência. Esses instrumentos são importantes para padronizar o atendimento, garantir maior segurança na tomada de decisão e assegurar que todas as etapas do cuidado sejam realizadas de forma adequada. Entretanto, observa-se que, em muitos serviços, esses protocolos são inexistentes, pouco divulgados ou não aplicados na prática (Da Silva; Gaspar, 2023).

Ademais, mesmo quando disponíveis, há relatos de profissionais que possuem conhecimento limitado sobre as normativas e diretrizes relacionadas ao atendimento às vítimas de violência. Muitas vezes, esse conhecimento ocorre de forma superficial, sem aprofundamento durante a formação acadêmica ou nas capacitações em serviço. Como consequência, a atuação pode se tornar fragmentada e pouco resolutiva, dificultando o enfrentamento efetivo do problema (Rocha, 2025).

Nesse contexto, a capacitação profissional surge como elemento fundamental para qualificar a atuação da enfermagem. A formação continuada permite o desenvolvimento de habilidades relacionadas à identificação, manejo e encaminhamento dos casos, além de fortalecer a segurança do profissional diante dessas situações. Profissionais capacitados demonstram maior sensibilidade, assertividade e compromisso no enfrentamento da violência (Antunes, 2025).



Além disso, lidar com a violência contra crianças e adolescentes não é responsabilidade de um único serviço, mas depende do trabalho conjunto entre diferentes áreas. A saúde, a assistência social, a escola e o sistema de justiça precisam atuar de forma articulada para garantir que a vítima receba o cuidado e a proteção necessários. Nesse contexto, o enfermeiro tem um papel importante, pois muitas vezes é quem identifica a situação, faz os encaminhamentos e acompanha o caso, contribuindo para que essa criança ou adolescente não fique desassistido ao longo do processo (Alecrim, 2024).

Entretanto, a organização da rede de serviços ainda apresenta fragilidades que dificultam a efetividade das ações. Em alguns locais, há ausência de fluxos bem definidos, o que gera insegurança nos profissionais sobre como proceder diante dos casos. Além disso, a limitação de serviços especializados e a falta de integração entre as instituições comprometem a continuidade do cuidado e a proteção adequada das vítimas (Marcolino, 2019).

Por outro lado, iniciativas que estruturam fluxos de atendimento e serviços integrados demonstram resultados mais eficazes no enfrentamento da violência. A existência de unidades de referência e a definição clara de portas de entrada na rede contribuem para um atendimento mais ágil e organizado. Dessa forma, reduz-se a fragmentação do cuidado e aumenta-se a resolutividade das ações desenvolvidas pelos profissionais de saúde (Antunes, 2025).

3.4 Desafios e estratégias do enfermeiro frente à violência infantil

A violência infantil constitui um fenômeno complexo que impõe importantes desafios aos serviços de saúde e, especialmente, à atuação da enfermagem. Embora o profissional enfermeiro desempenhe papel fundamental na identificação, acolhimento e acompanhamento das vítimas, ainda existem limitações estruturais, institucionais e formativas que dificultam uma assistência integral e resolutiva. Esses desafios envolvem desde a subnotificação dos casos até a fragilidade na articulação da rede de proteção (Alecrim, 2024).

Um dos principais entraves na atuação da enfermagem refere-se à dificuldade de identificação precoce da violência, sobretudo nos casos em que não há evidências físicas aparentes. Muitas situações manifestam-se por meio de alterações comportamentais e emocionais, como isolamento, medo, agressividade ou mudanças bruscas de comportamento, exigindo do profissional sensibilidade clínica e preparo técnico para reconhecer sinais muitas vezes subjetivos. A ausência de capacitação específica contribui para que esses indícios passem despercebidos nos atendimentos de rotina (Costa, 2024).

Outro desafio relevante está relacionado à subnotificação dos casos de violência. Mesmo sendo obrigatória, a notificação ainda é negligenciada em diversos contextos, seja por desconhecimento dos profissionais, medo de represálias ou insegurança quanto aos procedimentos legais. Essa dificuldade compromete a construção de dados epidemiológicos fidedignos e dificulta o planejamento de políticas públicas eficazes voltadas à prevenção e enfrentamento da violência infantil (Freire *et al.*, 2024).

Além disso, observa-se fragilidade na formação acadêmica e na educação permanente dos profissionais de enfermagem no que se refere ao manejo de situações de violência. Em muitos cursos da área da saúde, a temática é abordada de forma superficial, impactando diretamente na prática profissional. A falta de preparo pode gerar insegurança, dificuldades na abordagem da vítima e até mesmo condutas inadequadas durante o atendimento (Antunes, 2025).



A complexidade dos casos também se configura como um desafio significativo, uma vez que a violência infantojuvenil frequentemente envolve fatores familiares, sociais e culturais. Em muitos casos, o agressor é alguém próximo à vítima, o que exige do profissional uma abordagem cuidadosa, ética e sigilosa. Essa realidade pode gerar conflitos emocionais no profissional, impactando sua atuação e reforçando a necessidade de suporte institucional e psicológico para a equipe de saúde (Freire *et al.*, 2024).

Diante desses desafios, torna-se imprescindível a adoção de estratégias que qualifiquem a atuação da enfermagem. A capacitação contínua dos profissionais destaca-se como uma das principais medidas, possibilitando o desenvolvimento de habilidades para identificação de sinais de violência, condução de entrevistas, acolhimento humanizado e encaminhamento adequado dos casos. A educação permanente deve ser incorporada como prática institucional, fortalecendo a atuação profissional (Alecrim, 2024).

Outra estratégia fundamental é o fortalecimento do acolhimento como ferramenta central no cuidado. O atendimento à criança e ao adolescente em situação de violência deve ser pautado na escuta qualificada, no respeito e na construção de vínculo, garantindo um ambiente seguro para que a vítima possa expressar suas vivências (Rocha, 2025).

A atuação interdisciplinar e intersetoral também se apresenta como elemento essencial para o enfrentamento da violência infantojuvenil. A articulação entre os diferentes setores, como saúde, assistência social, educação e sistema de justiça, permite uma abordagem mais abrangente e eficaz, assegurando a proteção integral da vítima. Nesse contexto, o enfermeiro assume papel estratégico na coordenação do cuidado e no encaminhamento para os serviços da rede de apoio (Alecrim, 2024).

A implementação e o cumprimento de protocolos de atendimento constituem outra estratégia importante para qualificar a assistência. Protocolos bem definidos orientam a prática profissional, reduzem falhas no atendimento e garantem maior segurança tanto para a vítima quanto para os profissionais envolvidos. No entanto, é fundamental que esses instrumentos sejam acompanhados de treinamento adequado e atualização constante (Costa, 2024).

Ademais, a atuação da enfermagem na prevenção da violência deve ser valorizada, especialmente no âmbito da atenção primária à saúde. Por meio de ações educativas, orientação às famílias e identificação de fatores de risco, é possível atuar de forma preventiva, reduzindo a ocorrência de casos e promovendo a proteção de crianças e adolescentes. A proximidade com a comunidade favorece essa atuação, permitindo intervenções mais precoces e eficazes (Mariano, 2026).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou analisar a atuação do enfermeiro frente à violência contra crianças e adolescentes, considerando os aspectos relacionados à identificação, acolhimento, notificação e enfrentamento dos casos no contexto dos serviços de saúde. Os resultados da pesquisa demonstram que a enfermagem ocupa posição central nesse processo, especialmente por sua proximidade com a comunidade e pela possibilidade de estabelecer vínculos que favorecem a identificação precoce de situações de risco.

A partir das reflexões postadas neste trabalho, é possível concluir que, embora o enfermeiro desempenhe papel essencial na proteção das vítimas, ainda existem desafios importantes que interferem na efetividade da assistência, como a subnotificação dos casos, a insegurança profissional diante das situações de violência, a fragilidade na formação acadêmica e as limitações na articulação da rede de atenção. Esses fatores



contribuem para a manutenção de um cenário em que muitas situações permanecem invisíveis ou recebem acompanhamento insuficiente.

Ademais, destaca-se que a qualificação da atuação profissional depende diretamente de investimentos em educação permanente, da implementação de protocolos assistenciais e do fortalecimento do trabalho interdisciplinar e intersetorial. A organização dos serviços e a integração entre saúde, assistência social, educação e sistema de justiça mostram-se fundamentais para garantir a continuidade do cuidado e a proteção integral de crianças e adolescentes.

Espera-se que este estudo possa contribuir para o fortalecimento das práticas de enfermagem voltadas ao enfrentamento da violência infantil, incentivando a construção de uma assistência mais sensível, qualificada e comprometida com a garantia de direitos, bem como para o aumento de discussões acadêmicas e institucionais sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALECRIM, Heloína Oliveira. *O enfermeiro no atendimento à criança vítima de violência intrafamiliar: um estudo de revisão integrativa*. 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/8108>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ANTUNES, Josiene Camelo Ferreira. *Reflexões acerca do trabalho de assistentes sociais frente aos direitos violados de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual*. 2025. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/1ddeb0ff-d68d-4ba4-ad52-4e549a546e21>. Acesso em: 11 abr. 2026.

COSTA, Márcia Lyssa Barbalho da. *Os desafios jurídicos na garantia da proteção integral da criança e do adolescente diante da violência familiar*. 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/8352>. Acesso em: 04 abr. 2026.

DA SILVA, Natalye Guerreiro; GASPAR, Fernanda Matilde. Violência infantil: desafios das atribuições do enfermeiro frente ao atendimento à criança. *Repositório Institucional do UNILUS*, v. 2, n. 1, 2023. Disponível em: <http://revista.lusiada.br/index.php/rtcc/article/view/1641>. Acesso em: 09 abr. 2026.

DIAS, Geovanna Alves et al. A importância da escola no combate à violência contra crianças e jovens. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/4455>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FERREIRA, Stefania Alexandrina Teixeira et al. Sinais de negligência e abuso: como identificar em crianças e adolescentes? *Revista Rede de Cuidados em Saúde*, v. 19, n. 2, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/rcs/article/view/9366>. Acesso em: 19 abr. 2026.

FREIRE, Amanda Mayara Pepias et al. *Conduta do profissional técnico de enfermagem no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar*. 2024. Disponível em: <http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/handle/123456789/21018>. Acesso em: 04 abr. 2026.



MARCOLINO, Emanuella de Castro. *Análise da atuação do (a) enfermeiro (a) nos três níveis de atenção à saúde sob a ótica da linha de cuidado para atenção integral a crianças e adolescentes em situação de violência*. 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/70af34a0-c84a-4291-a267-dbb91e7606bc/content>. Acesso em: 17 abr. 2026.

MARIANO, Michelly Pereira. *Violência doméstica contra a criança e o adolescente: na concepção do Serviço Social*. 2026. Disponível em:

<https://umbu.uft.edu.br/handle/11612/8334>. Acesso em: 03 abr. 2026.

NUNES, Ana C. P. et al. Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 10, p. 79408-79441, 2020. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/violencia-infantil-no-brasil-e-suas-consequencias-psicologicas-uma-revisao-sistematica>. Acesso em: 09 abr. 2026.

REIS, Damires Guajajara Silva et al. *A atuação do enfermeiro na assistência humanizada a mulheres vítimas de violência sexual*. 2024. Disponível em:

<https://repositorio.uema.br/handle/123456789/4681>. Acesso em: 03 abr. 2026.

ROCHA, Maria Cleide Miranda da. *Avaliação do Programa Ponto de Luz: um estudo sobre o processo de não revitimização de crianças e adolescentes vítimas de abuso e/ou violência sexual no Hospital Infantil Albert Sabin em Fortaleza-Ceará*. 2025. Disponível em:

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/81908>. Acesso em: 20 mar. 2026.

SANTIAGO, Yasmin Vittoria Cristina Silva. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e impactos na vida adulta*. 2025. Disponível em:

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/9768>. Acesso em: 01 abr. 2026.